

VARGAS LLOSA, Mario. *O paraíso na outra esquina*. Tradução Wladir Dupont. São Paulo: Arx, 2003. 496 p.

**Ari Denisson da Silva\***

O Paraíso... desde os primórdios, a grande quimera do homem: um lugar perfeito, onde tudo funciona bem, e gozo, paz, justiça e harmonia reinam soberanos. Quem poderá dizer que nunca na vida sonhou ao menos com uma ilha deserta, onde pudesse fugir de todos os dissabores da vida real? Hoje, porém, o ser humano descobriu que não se pode viver bem só comendo os cocos da ilha e que água do mar não é potável. Hoje, as pessoas buscam, ainda que pareça paradoxal, uma “utopia com os pés no chão”<sup>1</sup>.

Há uma brincadeira infantil em que essa busca malfadada é simbolizada: uma criança sai, no meio de uma roda, perguntando às que a compõem: “O Paraíso é aqui?”, ao que lhe respondem: “Não, senhor(a), vá e pergunte na outra esquina”. Unindo esses dois elementos, a brincadeira e a utopia inerente aos seres humanos, o peruano Mario Vargas Llosa, em uma de suas obras mais recentes, *O paraíso na outra esquina*, aborda o grande malogro humano: a busca da felicidade.

O romance trata de duas pessoas que existiram na vida real: a feminista peruana Flora Tristán e seu neto – que nunca chegou a conhecê-la –, o pintor Paul Gauguin. Uma ficção impregnada de realidade, que chega a confundir leitores desavisados (pior ainda se estes forem dos que dão uma surra na atriz que interpreta a vilã da novela das oito quando a vêem na rua...). Não só o sangue, mas a disposição em mudarem a realidade do contexto espaço-temporal em que viviam lhes foram comuns. Seus incessantes esforços são contados em capítulos que, alternadamente, enfocam uma ou outra personagem, com uma descrição do tempo e do espaço onde se dão.

---

\* Aluno e bolsista PIBIC-CNPq do curso de graduação em Letras da Universidade Federal de Alagoas.

<sup>1</sup> Cf., por exemplo, o pensamento do filósofo Ernst Bloch, segundo o comentário de A. Munster.

Com tal disposição textual, é quase inevitável estabelecer um quadro comparativo entre as utopias de Flora Tristán e Paul Gauguin. Aquela, por volta de 1840, tinha em mente um projeto utópico político, voltado a uma perspectiva de futuro. Àquela época, revoltados com tanta miséria e exploração dos trabalhadores, após uma revolução que não parecia ter surtido muito efeito, surgiam os socialistas utópicos, que projetavam cidades onde tudo era “perfeito” e “justo”. E Flora vinha a acrescentar a lista com a *União Operária*, onde os trabalhadores e mulheres, grupos então bastante desprivilegiadas da sociedade. Após ser vítima da exploração sexual de seu marido, André Chazal, que mais tarde violaria a própria filha, decidiu fugir dele, sofrendo discriminações que hoje seriam consideradas abomináveis. Somando-se a isso, em Londres, ao ver os bordéis de luxo locais – os *finishes* – e no Peru, ouvindo a história da freira Dominga Gutiérrez, pôde ver e sentir o quanto sofria a mulher, principalmente quando não se submetia ao jugo matrimonial, o que considerava traumático. Decidiu unir-se aos trabalhadores para uma revolução pacífica e enfrentou até mesmo a Igreja para concretizar a sua utopia.

Já Paul, em fins do século XIX, após uma onda de desilusão, possuía um projeto estético voltado ao passado, à “pureza do selvagem”: *A Casa do Prazer*, onde não entrariam valores europeus. Ao contrário de seu amigo Van Gogh, referido no romance como o “Holandês Louco”, com quem a idealizou, desafiou tudo o que viu à frente para cumpri-la: abandonou a vida burguesa e a família, de um modo aparentemente egoísta e sacrificado. Também enfrentava os católicos do Taiti e das ilhas Marquesas, onde viria a falecer, após procurar, sem muito sucesso, o lugar intocado pelos *papa’a*, como eram chamados os europeus que viviam na Polinésia.

O romance começa com um despertar de Flora antes de encarar uma viagem por toda a França para divulgar a *União Operária*, metáfora muito bem empregada para representar o seu próprio “despertar” para a necessidade de mudar a realidade em que vivia, de acabar com tanta injustiça e opressão para com as mulheres e os trabalhadores, quando ela decide negar sua própria vida, com um ascetismo que lembra o de alguns santos da Igreja, e decide ser a “mulher-messias”, acordando de seus traumas com André Chazal, dos

horrores de Londres e abandonando, assim, seus sonhos prazerosos com Olympia em defesa de uma realidade mais justa.

A brincadeira do Paraíso, que dá título ao livro, é oportunamente exposta no primeiro capítulo, onde se inicia a trajetória de Flora, esperançosa, e no último, onde Paul, velho, desenganado, com a visão e as pernas quase consumidas pela “doença impronunciável”, perto de morrer, começou a relembrar seu insucesso:

O jogo do Paraíso! Você ainda não encontrava esse lugar escorregadio, Koke. Existia? Era um fogo-fátuo, uma ilusão? Tampouco o encontraria na outra vida, pois, como acabava de profetizar essa irmã de Cluny, o certo era que, lá, a você teriam reservado um lugar no inferno (p. 475).

Essa disposição em extremidades leva, mais uma vez, à comparação entre seus dois projetos utópicos e entre o que sentiam ao verem a brincadeira e aplicarem-na aos seus anseios. É como se a brincadeira não fosse tão somente brincadeira, mas também um projeto sério. É como se Flora principiasse a brincadeira e Paul já estivesse no fim da mesma. Mais uma oposição entre os dois: a dinâmica de pensamento utópico daquela passava por uma experiência de profunda esperança; a deste, por uma experiência de profundo desespero.

O inusitado nesse livro é uma perspectiva latino-americana de duas grandes utopias européias do século XIX. Pressupõe-se que foi feito um intenso trabalho de pesquisa biográfica sobre as duas personalidades, principalmente quando o narrador faz menção da relação de Flora com Olympia, que lhe operaria uma espécie de “catarse” em seu violentado pensamento a respeito do sexo. Este, a propósito, é mostrado com uma crueza de detalhes propositalmente exagerada, tanto nas experiências de Paul, quanto nas de Flora, bem como nos estudos que esta fazia sobre a degradação da mulher que optava por não casar.

Em Paul também se vê essa riqueza de detalhes, não só no âmbito sexual, como no processo de composição de parte de suas obras, que seriam a própria representação dessa busca pelo Paraíso, do resgate da sociedade virgem, sob o olhar romanceado de Llosa. É esse

olhar que possibilita novas visões – não necessariamente verdadeiras, às vezes, até duvidosas – dos elementos de alguns de seus quadros.

As mortes das duas personagens só vêm acentuar o elemento do fracasso em seus projetos utópicos, principalmente em como os seus cadáveres são tratados após a morte, e mesmo nos instantes de agonia. Nos de Flora, Ismaelillo, o “Eunuco Divino”, aparece na casa dos Lemonnier com o sobrenome de Stouvenel com um padre para oferecer-lhe a extrema-unção:

...apresentou-se com um pároco (...), garantindo que você era uma fiel devota e que assim lhe solicitara no passado (...). Depois, quando Eléonore Blanc, indignada, fê-los saber que a senhora jamais teria permitido semelhante palhaçada obscurantista se estivesse de posse de seus cinco sentidos, os Lemonnier ficaram envergonhados e encolerizados. Mas o falso Stouvenel e o corvo de sotaina já haviam conseguido seu propósito e faziam correr pelas ruas e praças de Bordeaux a mentira de que Flora Tristán, a apóstola das mulheres e dos operários, reclamara em seu leito de morte a ajuda da Santa Igreja para entrar na vida eterna em paz com Deus. Pobre Florita! (p 466-467).

Paul, no romance, ainda vivia seus instantes agônicos, quando o pastor Vernier e o bispo Martin discutiam onde o cadáver haveria de ser enterrado, vencendo este, posteriormente, sem considerar a vivência de Paul às turras com a Igreja. Sua impossibilidade de ação diante desse desrespeito, dessa “profanação” é intensificada com os três últimos parágrafos do livro iniciados, salvo algumas diferenças, por “não viu nem ouviu nem soube”:

Também não viu nem ouviu nem soube que (...) o bispo (...) enviou (...) quatro carregadores indígenas para enfiar o cadáver em um caixão de tábuas toscas fornecido pela própria missão e levá-lo às pressas (...) e enterrá-lo, também às pressas, em um dos túmulos do cemitério católico, ganhando assim um ponto – um cadáver ou uma alma – em sua pugna com o adversário protestante (p. 492).

É claro que um livro como esse não poderia ser recomendado para crianças. Ele deveria ser lido, sim, por pessoas com um senso crítico mais apurado e uma mentalidade mais preparada e convicta, pois pode chocar quem não está acostumado com obra tão densa, iconoclasta – embora tenha sido bastante natural nos últimos tempos – e, em certos pontos, quiçá “imoral”. Não seria o caso, porém, de estigmatizar a obra por sua “imoralidade” e julgar o livro conforme alguns trechos; quem pensar que esse embate – talvez violento e desrespeitoso demais para a compreensão da obra – estraga todo o conjunto está sendo não apenas preconceituoso, como também perdendo uma excelente leitura.

O afã com que Paul Gauguin e Flora Tristán vão atrás da terra perfeita merece ser lido como quem digere um alimento, lançando fora o que seu corpo não julga saudável e aproveitando tudo de bom que a obra tem a oferecer; emociona, é muito bem trabalhado, poderia, quem sabe, até arrancar lágrimas de leitores mais sensíveis, sem ser nem um pouco melodramático. Lendo *O paraíso na outra esquina*, é possível ver o quão difícil é rejeitar a realidade para viver a utopia e como a tentativa de materializar o paraíso pode ser mais infernal que a própria realidade vivida e contestada.